

5. As cartas que poderiam ter sido escritas

E o bom poeta é aquele que ao revelar o seu segredo descobre que ele pertence a todos.
Affonso Romano de Sant'Anna

A estética da recepção, já discutida nesta tese¹, embora apresentasse divergências e contradições, permitiu que se discutisse o papel do leitor no ato da leitura, ou seja, inseriu o leitor no foco de discussão da obra literária e, por isso, a partir de então, pode-se pensar a obra literária como ação recíproca, em que estarão presentes o autor, como produtor, mas, também, o leitor como construtor de sentidos.

Sob a égide dessa teoria, Silviano Santiago parece ter sido autorizado a escrever textos como *Em liberdade*, livro em que o autor apropria-se do estilo de Graciliano Ramos não para imitá-lo ou criticá-lo, mas, sim, para através dessa apropriação empreender uma reflexão sobre o papel do escritor frente a um determinado momento político e cultural.

E essa não foi a única incursão de Silviano na apropriação de textos alheios. Em seu conto-carta “Conversei ontem à tardinha com nosso querido Carlos”², Silviano incorpora um leitor-narrador que cria um objeto de ficção calcado no que poderia ter sido realidade, no que poderia ter acontecido. Por meio de inserções implícitas dos textos líricos de Drummond e ensaísticos de Mário, Silviano constrói uma narrativa de criação do texto do leitor. Assim, aquele que leu se apropriou do estilo, da escrita, da obra e da vida dos autores para construir sua ficção que vira pastiche, homenagem ou, até mesmo, crítica disfarçada de autocrítica.

Além dessas duas referências, tem-se, também, seu romance *O falso mentiroso* que, como o título já mostra, apresenta um enorme paradoxo. O livro conta a história de um memorialista que é assumidamente um impostor, mas que se julga um modelo de originalidade. Dessa forma, perpassa por toda a história a antítese verdade-falsidade, construindo um jogo literário em que autor e leitor se igualam dentro da perspectiva do que é verdade, é mentira ou vice-versa.

¹ Cf. capítulo 3.1 desta tese.

² SANTIAGO, Silviano, *Histórias mal contadas*, p. 157.

O próprio Silviano Santiago (1982, p.165) conta que Roland Barthes, ao “perceber o equívoco que cometia com sua ‘análise estrutural da narrativa’, imediatamente descobre que toda leitura individual é uma escrita”. E, por isso, “a leitura deixa de ser um produto padronizado, mero consumo, atividade passiva, e passa a requerer do leitor uma força criativa tão forte e intensa quanto a do criador” (Santiago, 1982, pp. 165-166).

Assim, apropriar-se do outro para construir um texto, em que realidade e ficção se entrelaçam, revela uma subjetividade alegórica na construção do texto ficcional, compreendido, não como uma obra fechada, mas, sim, como um organismo em que se aglutinam autor, receptor e ato comunicativo. Com isso, para Antoine Compagnon (1996, p. 94): “Apropriar-se seria menos tomar que se retomar, menos tomar posse de outro que de si”.

Portanto, a apropriação de escritas alheias irá revelar o texto do leitor, que impregnado da leitura do texto alheio, constrói um intertexto em que a ficção dialoga com a realidade, aglutinando leitor, autor e obra. Ou seja, o leitor se transforma em autor da obra alheia, para dar conta de sua leitura.

Ler as cartas de Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, ao mesmo tempo em que preenche lacunas e proporciona descobertas, deixa, também, um vazio. O leitor, muitas vezes, incomoda-se com o que não foi dito, com o que foi esquecido ou com o que esperava ter encontrado, mas não encontrou. Dessa forma, a tentação de preencher essas lacunas é grande e por isso, o impulso de se apropriar do texto alheio para construir cartas que deveriam e poderiam ter sido escritas. Pois, como disse Silviano Santiago no ensaio “Suas cartas, nossas cartas”, que serve de prefácio à publicação das cartas de Mário e Drummond, “a lei do leitor é a do usucapião” (Santiago, 2006, p.60). Assim, a ciranda das cartas de Mário, Bandeira e Drummond funciona como intertexto dessa escritura.

O que aqui se propõe, portanto, é construir um jogo em que o leitor se transforma em falso autor que se pretende verdadeiro, de um verdadeiro texto que se pretende falso, mas que se constrói com a intertextualidade das cartas que existiram e que, portanto, insere autor-leitor no jogo ficção-realidade. Seguem, assim, as cartas que poderiam ter sido escritas, mas...

5.1. Carta de Drummond a Bandeira: ano 1924

Belo Horizonte, 1º de agosto de 1924.

Prezado poeta Manuel Bandeira,

Espero que você não considere esta carta como uma indiscrição de um jovem poeta, que, sem ter autorização para, resolveu tomar a liberdade de lhe escrever. Faço isso com o mais puro desejo de me corresponder com quem considero um grande poeta e de quem os versos invejo e admiro, seu poema “Os Sapos” é bem conhecido aqui nessas terras mineiras e eu o considero uma obra-prima.

Não pense, por favor, que me servirei desta para ocupá-lo com falsas intimidades ou em busca de amizade confessional. Meu interesse é manter uma amizade de letras, para que eu possa enriquecer minhas incursões literárias e críticas, com a experiência de um poeta que considero dos melhores que há e um crítico que tem dito coisas tão relevantes e importantes em relação à poesia moderna, assunto sobre o qual tenho escrito alguns artiguinhos aqui para os jornais de Minas. Aliás, novamente abusando de sua paciência, estou enviando junto à carta alguns deles para que você dê sua opinião, se não for nenhum incômodo, e veja se o que escrevo merece alguma consideração. Uma das discussões que procuro expor em meus artigos é quanto ao nacionalismo na arte brasileira, assunto que tem me incomodado muito e sobre o qual gostaria de sua opinião sincera se os conseguir ler. Acredito que eu tenha conseguido expor neles minhas dúvidas em relação a ser brasileiro na poesia.

Estou escrevendo agora mesmo um artigo sobre Anatole France, que pretendo publicar aqui. Vou enviá-lo, também, a você, oportunamente. Ao falar do Sr. Anatole, expus minha condição de poeta brasileiro que preferiria ter nascido em Paris, mas que foi nascer em Minas e que, por isso, tem que arcar com as implicações que isso gera em meus escritos.

Sobre isso, eu gostaria de discutir com Mário de Andrade, por quem tenho, também, enorme consideração e respeito. Aliás, com relação a isso, caro poeta,

gostaria que você me aconselhasse: será que ele acharia muita impertinência receber uma carta minha? Gostaria muito de me corresponder com ele, que já conheço – não sei se ele lembrará – de um rápido encontro no Grande Hotel aqui em Belo Horizonte, quando de sua hospedagem a caminho de Ouro Preto, no grupo que acompanhava o poeta Blaise Cendrars em excursão às cidades históricas. O que você acha, ele me responderia a carta? Tenho medo de que ele me considere abusado e não me responda. Mas, também ouvi dizer que ele nunca deixa carta alguma sem resposta. Será isso, mesmo? Recomende-me a ele, por favor, se você tiver oportunidade. E quanto a você, receberei resposta?

Para terminar essa que já é capaz de caceteá-lo, queria dizer que sua poesia é o que melhor há no momento e que você parece ter tirado as pedras do caminho no trabalho com linguagem, coisa que ainda estou fazendo aos pouquinhos. Ainda sou um poeta municipal, enquanto você já é um federal.

Tenho um poema, cujo título deve ficar “Cidadezinha qualquer” que me parece muito semelhante, quanto à sensação provocada, a seu poema “Pensão familiar” que li na “Estética”. Nele você se utiliza do próprio imaginário burguês para desmontar o imaginário burguês, o “pipi” que se contrapõe à “mijadinha”. O que fiz em meu poema foi me utilizar do imaginário bucólico para desmontar esse próprio imaginário. O tom prosaico e de coloquialidade que tentei dar ao meu poema, você o fez no seu. Por isso, os achei semelhante na realização. Não sei. Qualquer dia tomo coragem e o mando a você para que possamos pensar sobre isso. Sem qualquer pretensão nisso, acho que possuímos afinidades líricas.

Bem, respeitadíssimo poeta, vou terminando esta que já está longa demais e tenho medo de que você não leia. Apenas, quero pedir mais uma vez, perdão por essa admiração provinciana que derramo sobre ti e pela impertinência em ocupar seu tempo. aguardo com ansiedade algumas linhas.

Um grande abraço de seu admirador,

Carlos Drummond

Rua Silva jardim, 108.

5.2. Carta de Bandeira a Drummond: ano 1926

Rio de Janeiro, 10 de abril de 1926.

Carlos Drummond,

Duas cartas suas a responder e um equívoco a consertar.

Estou nas mãos com uma carta de Mário em que ele me conta que você me achou arredio e pouco falante no jantar na casa do Couto. Eu já havia escrito a ele, contando o encontro e a impressão que você me passou na ocasião. Pois é, Carlos Drummond, tive a mesma sensação em relação a você e comentei isso com Mário. Você não deu um sorriso sequer no jantar e apenas na volta, no trole, você riu do episódio da gravata.

Imagino que você seja um tímido que tenta disfarçar sua timidez, fazendo pose de intelectual e, com isso, gerando antipatia. Confesso que isso me irritou bastante e, por isso, me retraí. Faço um *mea culpa*, também, pois acho, pensando bem, que fiquei aporrinhado com a sua leitura de “Raça”. Tudo bem, você não gostou, porque me parece, agora, o poema está bem distante de você poeta e moço. As imagens que remeteram a um passadismo e o ritmo único que cansou você, foram consideradas, por mim, acho que por Mário também, algo único e definitivo na poesia brasileira. Foi preciso o Couto dar uma lição, que, agora, pensando bem, não precisaria ter dado. Esquecemos que você é moço e que essas coisas são próprias dos moços e, talvez, o poema tenha ficado datado mesmo. Mas não entenda com isso nada de negativo, pelo contrário, você é moço e inteligente e poeta. Mas só entendi isso com carta que recebi de você, agradecendo o jantar e enviando seus poemas. Ela veio toda se rindo. Por isso, respondi prontamente, elogiando e cunhando a frase que Mário gostou: você é de fato.

Mas não tinha entendido ainda a questão da personalidade e somente com a carta de Mário foi que entendi o que aconteceu. Fica o mal-entendido por encerrado.

Agora, os poemas. Na carta anterior que enviei de Pouso Alto comentei-os rapidamente, mas gostaria de me deter mais em seu lirismo. Você tem razão no

que disse há muito tempo em carta, temos afinidades líricas, na questão do individualismo principalmente. Quanto à técnica, considero que você consegue adequá-la às necessidades de sua expressão e à temática. Nos poemas que mais gostei, a timidez está lá, o sentimento que evoca um eu reflexivo, num misto de confiança e indignação. Minas está dentro de você, mas não basta a você. Mário diz que falta a você o espírito nacionalista. Não apoiado. Se Minas está em você, esse não seria o verdadeiro nacionalismo? E é aí que o nacionalismo se faz mais presente para mim, sem a intenção de ser nacionalista.

O Mário uma vez me disse que gosta mais dos seus textos em prosa que dos poemas. Pois, gosto mais de você poeta. Você é poeta de fato, já disse. Eu é que ando com dificuldades de fazer versos, mas outro dia, voltando de um sítio em que fiquei hospedado, fiz um poeminha que vou ver se dá para aproveitar. A minha viagem de volta foi o diabo, parecia que não terminava nunca. Já enviei pro Mário, mas não sei o que ele achou. Só por brincadeira, envio a você, não sei se vale.

“Nossa Senhora me dê paciência
Para este mar – e para esta vida!
Me dê paciência pra que eu não caia.
Pra que não caia nesta existência
Tão mal cumprida, tão mais cumprida
Da restinga de Marambaia!”

Veja bem, a canoa em que eu estava quase virou por causa de um noroeste. Não é um poema, é um resíduo de poema. Fiz no trem, mas quando cheguei em casa, esqueci e só me lembrei dos versos finais.

Gostaria de saber como posso fazer para mandar para algumas livrarias de Minas alguns exemplares de Poesias, não importa tanto a venda, preciso me livrar do lastro. Você saberia como me ajudar nisso? Se der trabalho, não perca tempo que não paga a pena.

Enfim, Drummond, vou me despedindo porque não soffro, como Mário, de gigantismo epistolar, sou preguiçoso pra cartas e já estou cansado.

Adeus, a você e a sua mulher. Receba um abraço apertado do amigo agora de fato,

Manuel.